

ENTRE O OÁSIS E O DESERTO

Esconder e revelar, sexualidade e gênero dentro dos parques urbanos

BETWEEN THE OASIS AND THE DESERT
Hide and reveal, sexuality and gender within urban parks

*Estevan de Bacco Bilheri¹, Kayan Freitas de Araujo²,
Cristhian Moreira Brum³ e Tarcísio Dorn de Oliveira⁴*

Resumo

A temática saúde pública está no enfoque devido a pandemia do Covid 19, o vírus revelou um problema das cidades, a hostilidade delas para os cidadãos. Pois, as cidades modernas se tornaram mares de concreto, neste sentido encontram-se os oásis urbanos para eles se dirigem uma série de identidades que geram encontros conflituosos ou amistosos. Neste sentido, os encontros conflituosos ocorrem os processos de apagamento da identidade real do indivíduo, principalmente quando tratamos das minorias. O artigo tem como objetivo compreender como as relações conflituosas dentro dos oásis urbanos impactam na demonstração da identidade real do indivíduo e na sua relação com o espaço. O método utilizado para o desenvolvimento do trabalho foi o questionário. E os resultados obtidos demonstram que as relações conflituosas e o medo causam o apagamento da identidade real, além de interferir no modo como as pessoas LGBTQIA+ se apropriam dos oásis urbanos.

Palavras-chave: oásis urbanos, gênero, percepção, identidade real, identidade social.

Abstract

The public health theme is in focus due to the covid 19 pandemic, the virus revealed a problem of cities, this hostility to city dwellers. Modern cities have become concrete seas, in this sense, the urban oasis for them has directed by a series of identities that generate conflicting or friendly encounters. In this sense, conflicting encounters occur during the process of the assumption of the real identity of the individual, especially When dealing with minorities. The article aims to understand how conflicting relationships within urban oasis impact the demonstration of the individual's real identity and their relationship with space. The method used for the development of the work was the questionnaire. And the results obtained show that conflicting relationships and fear cause the payment of real id and interfere in the way people do LGBTQIA+ appropriate the urban oasis.

Keywords: urban oasis, gender, perception, real identity, social identity.

¹ Arquiteto e Urbanista pela Universidade de Passo Fundo (UPF), mestrando em Arquitetura e Urbanismo na linha de Percepção do Ambiente pelo Usuário pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da Universidade Federal de Pelotas (UFpel).

² Arquiteto e Urbanista, mestrando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

³ Pós- Doutor em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Mestre em Engenharia Civil e Ambiental pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professor do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFpel).

⁴ Pós- Doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Mestre em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria.



Figura 1 - Cidade de São Paulo vista aérea. Fonte: Valdíney Pimental Flickr.

Introdução

As discussões sobre a temática saúde estão em foco em diferentes áreas do conhecimento, esse debate foi impulsionado durante a pandemia do vírus SARS CoV-2 (Covid 19), que impôs uma série de restrições como o distanciamento social. Esse distanciamento fez com que a população permanecesse mais tempo dentro de casa, saindo apenas para atividades básicas, sem momentos de lazer ao ar livre. Muitas cidades optaram pelo isolamento dos parques e praças, impedindo que as pessoas adentrem nesses oásis como forma de evitar a propagação do vírus. Entretanto, com estas precauções a pandemia descortinou uma “doença” das nossas cidades a sua hostilidade para a saúde humana, problema existente há muito tempo.

O cerne da questão é o desenvolvimento desenfreado das cidades, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) os centros urbanos abrigam 55% da população mundial, ressaltando que a previsão é que em 2050 este índice alcance a marca de 70%. Com estes índices e o adensamento populacional nas grandes cidades, com as altas taxas de ocupação dos solos e edifícios cada vez mais altos, estão transformando as cidades em mares de concreto (figura 1). Neste sentido, o crescimento acelerado da população nestas áreas acarreta uma série de problemas para a saúde física e psicológica dos cidadãos.

Neste caos urbano ainda existem recursos para os cidadãos recorrerem que são áreas verdes, neste caso denominados oásis urbanos (parques e praças). Que pela definição são pequenas regiões férteis em pleno deserto, neste caso pode-se comparar o deserto de modo figurativo com as cidades e suas grandes edificações cinzas. Para estes espaços convergem diferentes identidades, segundo Goffman (1998) as pessoas possuem duas identidades: a real e a virtual, sendo elas características das pessoas.

Para Goffman (1998) a identidade virtual é um conjunto de características impostas aos indivíduos, para regular seu papel social dentro das sociedades, ou seja, são características tidas como normais em determinados grupos, como os papéis de gênero em que meninos brincam com carrinhos e meninas com bonecas e cozinhas. Estas características virtuais regulam as pessoas e como elas se apresentam perante a sociedade, ocultando a personalidade real. Esta por sua vez são os atributos e



características reais de um pessoa, é composta por pela psique, a biologia e seus atributos originais, se desassociando dos padrões impostos pela sociedade.

Nesta convergência de diferentes identidades dentro dos oásis urbanos podem produzir encontros conflituosos. Neste sentido, os encontros conflituosos podem acarretar no apagamento ou ocultamento da identidade real do indivíduo, principalmente quando se trata das minorias, neste caso o artigo tem como enfoque a comunidade LGBTQIA+ que sofre dos paradigmas de gênero regulado pelo binário (BUTLER, 2021) dentro das cidades, ofuscando sua identidade real.

Com o ofuscamento da sua identidade real as pessoas do acrônimo LGBTQIA+, tem sua percepção e apropriação dos oásis urbanos de formas diferentes, sendo assim o objetivo deste artigo é compreender como as relações conflituosas dentro dos oásis urbanos impactam na demonstração da identidade real do indivíduo e na sua relação com o espaço. Este trabalho é um recorte do trabalho apresentado no 3º Congresso Internacional de Cidadania, Espaço Público e Território (3º CIECIT).

A história dos oásis urbanos

Antes de adentrar na questão revelar e esconder a identidade, é preciso entender os conceitos de parques urbanos e suas relações com a cidades e cidadãos. São eles espaços públicos de lazer, diversão e prática de esporte, destinado ao relaxamento do estresse cotidiano, para onde se direciona diversas identidades em busca de relações informais de convívio (COSTA, 2005). Os autores fazem esta relação dos parques urbanos com oásis como uma forma poética de nomeá-los, pois os oásis interagem com o lúdico e imaginário das pessoas.

A história destes espaços foi perdida com o passar do tempo, entretanto há muito se fala destes oásis como na bíblia o paraíso produzido para Adão e Eva e os jardins suspensos da babilônia que ainda intrigam e comovem o imaginário das pessoas. Em uma linha cronológica datada o surgimento dos parques veio da arte da jardinocultura, surgindo em locais como a China e o Egito (LABODA, ANGELIS, 2005). Mas os parques como são conhecidos hoje surgiram das experiências francesas (figura 2) e inglesas



(figura, sendo seu surgimento atrelado com a urbanização das cidades no século XIX (SCOCUGLIA, 2009). O urgir destes espaços está entrelaçado com a revolução industrial, que tornou a vida urbana frenética, exigindo das cidades ambientes de refúgio com áreas verdes.

No início dos anos 70 surge uma tendência mundial em romantizar e tornar os oásis urbanos espaços exuberantes, trazendo uma série de atrativos como: equipamento esportivos, espelhos d'água, passeios iluminados e pequenos bosques tornando as paisagens dinâmicas e mutáveis (FRIEDRICH,2007). Além das produções paisagísticas com flores e vegetações arbóreas que mudavam conforme as estações. No Brasil um nome se destaca entre os paisagistas, Burle Marx e suas produções exuberantes como o Parque Cidade Dona Sarah Kubitschek (1978), anteriormente conhecido como Parque Python (Figura 4).

Além do embelezamento das cidades os parques urbanos tem importantes contribuições para as cidades e seu meio ambiente, diluindo as temperaturas e criando microclimas agradáveis (CAMPESTRINI, et.al, 2019), como mostra o estudo realizado na cidade de Passo Fundo, onde foram estudados os microclimas nos oásis urbanos. Mas apenas nos 80 com a estruturação dos movimentos ecológicos que aflorou o pensamento da qualidade dos ambientes urbanos. Com estas reivindicações foram executadas requalificações em áreas urbanas degradadas, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida nas cidades, com essas reformas foram planejados percursos para ciclistas e pedestres, trazendo uma diversidade ainda maior de usos para o ambiente (FRIDRICH,2007).

Na segunda década do século XXI com o desenvolvimento frenético dos centros urbanos afetando de forma direta a população que nelas vivem e sua qualidade de vida, os oásis urbanos se tornaram ainda mais importantes para saúde física e mental dos cidadãos. As áreas verdes são imprescindíveis para o bem estar da população (LABODA, ANGELIS, 2005), além de ser um direito à cidade como cita Lefebvre (2001), mas não é direito pleno para todos cidadãos que nela vivem, neles ocorrem processos conflituosos, fazendo com que cada cidadão se sinta um completo estranho naquele espaço, fazendo dos parques urbanos um quebra-cabeça onde uma pessoa se identifica com o local e outra não (ROLNIK, 1995).



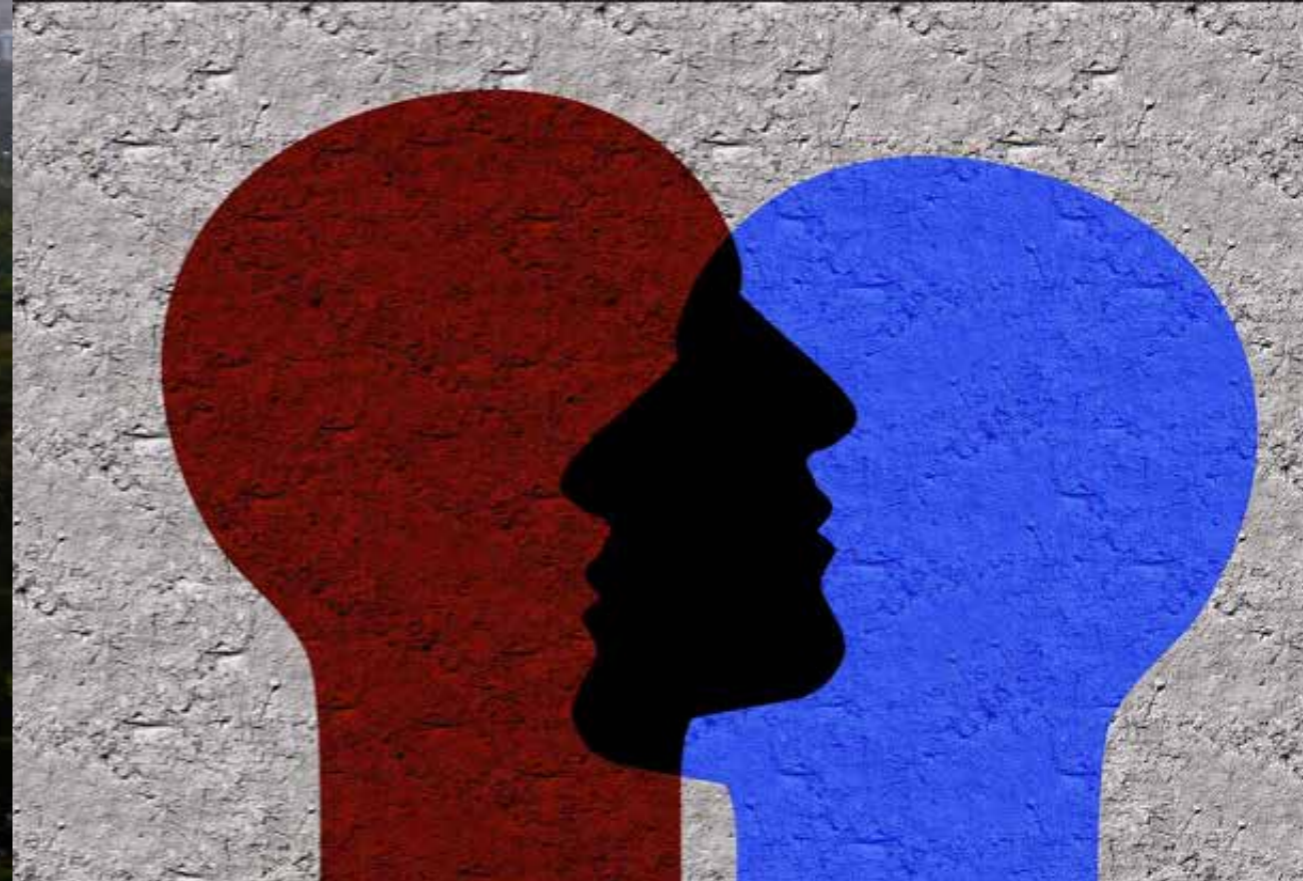
Oásis? Relação entre o gênero e os oásis

Neste quebra-cabeça advindo das relações conflituosas dentro dos oásis urbanos, o foco principal destas relações são as pessoas dissidentes de gênero e sexualidade, assim como outras minorias. Mas o que é gênero e sexualidade, são meramente uma construção social reguladas pelo binário masculino e feminino, havendo uma falocêntrica (BUTLER, 2021) que padronizam as características de cada gênero que deve performar. A identidade social/virtual é um processo reflexivo construído a partir de padrões socialmente impostos e construídos (COSTA, 2005). Assim como o gênero, estas regulações sociais são dadas por ordens distantes como cita Lefebvre (2001).

Neste sentido, os oásis urbanos por serem um marco (LINCH, 2002) dentro das cidades atraem diferentes grupos sociais para seu espaço, entretanto nestes encontros podem haver relações conflituosas entre seus usuários, estas relações tendem a ter um gatilho social, como por exemplo a LGBTfobia. Sendo assim, as relações conflituosas causam alterações na percepção das comunidades do acrônimo, a percepção do ambiente compreende a relação entre o ser humano/ambiente e as interrelações entre as pessoas, um processo cognitivo. Sendo assim, o ambiente onde estamos está diretamente ligado a nossas emoções. Neste sentido, quando um ambiente se apresenta hostil para a pessoa dissidente, ele acaba sendo evitado ou a pessoa reproduz padrões para se enquadrar às normativas. Tal processo cria o que Goffman (1998) intitula de identidade social.

Esta identidade social é o que muitos LGBTQIA+ criam para poder se apropriar dos espaços urbanos, se enquadrando dentro de caixas reguladoras, sendo assim se auto inviabilizando, escondendo a sua personalidade real. O processo pode ser mais agressivo e a pessoa pertencente ao acrônimo cria a homofobia internalizada, automaticamente se sabotando e criando regras para esconder suas características dissidentes (BORGES, 2020). Este processo de auto preconceito é visto em todas as minorias.

Nesta concepção a criação da identidade virtual e preconceito internalizado, além da LGBTfobia que assola a comunidade do acrônimo interferem diretamente na percepção do local, bem como no processo de criação de vínculos de pertencimento sobre o



espaço, pois a pessoa está em uma constante vigia a fim de esconder sua identidade real. Além disso, quando a pessoas revela sua identidade real este ato cria um estado de constante alerta, pois a visibilidade coloca o alvo do preconceito sobre suas costas, portanto é criado um jogo doloroso de esconder e revelar (figura 4), impedindo-a de desfrutar o espaço de forma plena.

Outro efeito do preconceito é a territorialização, efeito estudado por Costa (2005) no Parque Farroupilha em Porto Alegre, neste estudo ele demonstra a ocupação do ambiente conforme grupos padrões de identidades sociais parecidas criam microterritórios dentro do espaço. Nestes encontros de iguais não produzem encontros de diferentes, sendo assim os estigmas e repetições de padrões são perpetuados. Como ele explica no estudo o grupo estigmatizado fica em uma parte do ambiente utilização de uma parte específica do ambiente e são conhecidos pela prostituição, este estigma é maior quando se tratam das travestis, que são vistas como abjeto (BUTLER, 2021) para os padrões sociais, por destoarem fisicamente dos requisitos performativos dos padrões binários.

Além disso, é negado ao acrônimo manifestar algo intrínseco para o ser humano o afeto, as relações banais que para casais cis-hétero são vistas como normais, sendo elas: o caminhar de mãos dadas, o abraço deitado no gramado, a troca de carinhos e o beijo, relações presentes no cotidiano da vida de casais (VIANNA, COPPIETERS, 2017). Para casais LGBTQIA+, demonstrar afeto em público é um risco, pois há o julgamento e a hostilidade, podendo ocorrer agressões físicas e verbais. Sendo assim, o desfrutar de maneira plena dos parques públicos se torna algo inviável para esses casais. Neste sentido para a comunidade é questionado se o direito à cidade (LEFBREV, 2001) é para todas as pessoas, ou apenas aquelas que se enquadram dentro das caixas padrões de gênero.

Metodologia

A pesquisa tem um caráter exploratório, pois tem maior afinidade com o problema da pesquisa, sendo ela de caráter flexível quanto às respostas de forma a possibilitar considerações variadas (GIL, 2002). Para alcançar o objetivo descrito a metodologia



aplicada tem suas bases na Percepção Ambiental, com o enfoque entre o esconder e revelar a identidade e suas consequências deste ato na percepção humana. O procedimento metodológico, consiste na aplicação de questionário, sendo ele um instrumento de coleta de dados com uma variedade de perguntas, sendo sua principal vantagem a possibilidade de atingir o maior número de pessoas de modo simultâneo (MARCONI, LAKATOS, 2002).

Para além, foi escolhido o objeto de estudo se baseando na aproximação com o objetivo da pesquisa (YIN, 2004) para isto foi escolhido o Parque da Gare, localizado na cidade de Passo Fundo no Rio Grande do Sul. A aplicação do procedimento metodológico aconteceu no mês de junho de 2021, de forma online pelo aplicativo “Google Forms”. As perguntas foram selecionadas com base no embasamento teórico desenvolvido, consistindo em questões de múltiplas escolhas e de respostas curtas. Para análise das respostas foi utilizado o modelo classificatório, “trata-se de examinar as respostas a um inquérito que explora as relações psicológicas” (BARDIN, 1977). Cabe ressaltar que o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi disponibilizado.

Passo Fundo/ Parque da Gare

Mirando o norte do estado do Rio Grande do Sul é possível encontrar as cidades do planalto, terras com relevo acidentado, invernos rigorosos e culturas típicas. Ao percorrer a RS 135 chegamos na Capital da Literatura (figura 5), também conhecida como a cidade de Teixeira.

Me perguntaram se eu sou gaúcho
Está na cara repare o meu jeito
Sou do Rio Grande lá de Passo Fundo
Trato todo mundo com respeito (TEIXEIRINHA, [s.d]).

O orgulho de ser passofundense tem suas limitações, quando tratamos da questão de gênero e diversidade o povo gaúcho é conhecido pela sua figura culturalmente construída do gaúcho e este aspecto não se limita às regiões de campanha ou

fronteiras, na capital da literatura existem os paradigmas de gênero e as limitações pelo binário (BUTLER, 2021).

Infelizmente essa imagem de herói másculo atinge de forma brusca os dissidentes de gênero, a construção do homem másculo e dono do seu destino coloca as pessoas que “fogem” desta regulação culturalmente criada em um estado de invisibilidade ou de alvo como um bode exploratório, forçando-as a criar a identidade social ou virtual (GOFFMAN, 1998). Esta condição acontece na terra da literatura ou conhecida como Passo Fundo.

Em um relato de uma mãe para um jornal da cidade, ela diz que os casos de LGBTfobia na cidade são invisibilizados, pois muitas pessoas têm medo de denunciar ou de não serem ouvidas pelos responsáveis pela segurança. Neste sentido, ela conta que em uma noite o filho e seu namorado chegaram com ferimentos em casa, ao questionar o filho sobre o ocorrido o mesmo disse que sofreu um assalto, entretanto a mãe acredita que a violência foi movida pela orientação sexual do filho (DIÁRIO, 2015).

Os casos de LGBTfobia em Passo Fundo não se limitam apenas a agressões físicas, as agressões verbais e os olhares de reprovação, além da perseguição. Neste sentido, as vítimas preferem omitir a denúncia dos crimes contra eles, pois a insegurança e precariedade da lei para responsabilizar os criminosos. Mesmo que em 2019 o Supremo Tribunal Federal (STF) tenha colocado a discriminação contra LGBTQIA+ como crime pela Lei 7716/89.

Neste sentido, os cidadãos passofundenses que pertencem ao acrônimo para conviver dentro da cidade e de seus espaços urbanos têm que viver nesta relação entre esconder e revelar sua identidade. Sendo assim nesta relação tórrida influenciam na forma de se apropriar da cidade e de seus espaços de lazer.

A cidade na questão espaço de lazer urbano oferta um grande número de atrativos distribuídos entre 30 praças e 2 parques, os mais conhecidos pelos cidadãos são a Praça da Cuia, o Parque da Gare e o Parque Banhado da Vergueiro. O escolhido como estudo de caso para esta pesquisa pelo seu grau de importância dentro da cidade foi o Parque da Gare (figura 6).

Figura 7 - Antiga estação férrea e novo Parque da Gare. Fonte: <https://www.facebook.com/FotosAntigasDePassoFundo/photos/parque-da-gare-entem-era-o-trabalho-hoje-%C3%A9-o-lazer-a-primeira-foto-%C3%A9-da-d%C3%A9cada-de-869043233114211/>



Localizado na região central da cidade, sendo transpassado pela Avenida 7 de Setembro, margeado em sua maioria por edificações de uso misto. O local inicialmente era destinado a estação férrea da cidade ligando-a com o Rio Grande do Sul, após a decadência do transporte férreo em 1980 o local passou a ser utilizado como parque urbano da cidade (figura 7). Entretanto, o espaço sofreu pelo processo de abandono, se tornando um local de referência de forma negativa pela sua marginalização e insegurança.

Em 2016 o espaço passou por uma reestruturação paisagística e urbana, ganhando novos usos e paginações. Entre estes usos se encontram o espaço gastronômico, espaço para feira do agricultor, espaços contemplativos e um espaço desportivo (figura 8), o espaço passou a ser uma referência para o lazer da cidade e um marco (LINCH, 2002), ofertando usos em todos os turnos.

Para esses espaços convergem grande parte da população da cidade, visto que o parque se encontra em uma área central da cidade. Seu maior uso é durante o final de semana, a maior parte dos usuários buscam o espaço próximo ao lago para organizarem piqueniques e outros usos como passeio com animais de estimação. Na área voltada para esporte tipicamente ocupada por jovens, o espaço oferece pistas de skate, quadras de futebol e uma pista para patinação. O espaço gastronômico tem seu uso restrito pelo período da noite, quando os bares e restaurantes abrem suas portas.

Resultados e discussões

A comunidade do acrônimo converge para o oásis na busca de lazer, a pesquisa abrangeu um público de 45 pessoas, sendo que destas a grande maioria eram homens gays (51,1%), seguido por pessoas bissexuais e lésbicas. Cabe ressaltar a baixa participação de pessoas transexuais e travestis (1%), que se justifica por ser uma população estigmatizada ou colocada com o abjeto, alguém sem valor (BUTLER, 2021). Esta baixa aderência da comunidade T, faculta questionar se estas pessoas não frequentam o espaço por medo.



Figura 8 - Relação de usos do Parque da Gare. Fonte: Autores, 2022

As questões levantadas eram de múltiplas escolhas, a pergunta inicial era se o entrevistado frequentava o parque, um número considerável de pessoas não frequentava o ambiente (8,9%), neste sentido foi enquadrado o questionamento do motivo de não usufruir do espaço, as respostas foram o medo de sofrer violências físicas e verbais, como comprova o depoimento: - Eu nunca sofri preconceito, mas tive vários amigos que não usam mais o parque por medo. Neste sentido o medo faz com que seja negado o direito à cidade (LEFEBREV, 2001), impedindo que estas pessoas tenham seu momento de lazer.

Nesta relação conflituosa os frequentadores do espaço, se utilizam de armaduras para se blindar contra o preconceito sofrido nos oásis urbanos, se utilizando da identidade social (GOFFMAN, 1998), mimetizando padrões sociais aceitáveis para heterossexuais, criando uma constante vigia sobre sua identidade e características. Além de se utilizarem de uma rede de apoio, evitando ir ao espaço sozinho, neste sentido a percepção do ambiente é prejudicada pela constante vigia e pela falta de vínculos de pertencimentos que o medo causa.

No pensamento da identidade real e a virtual, uma grande questão é o jogo de tortura que aflige os LGBTQIA+, entre esconder e revelar sua sexualidade, sendo assim as demonstrações de afeto, tipicamente vistas como normais quando demonstradas por casais cis-heteros, ficam reprimidas quando tratamos do acrônimo LGBTQIA+ em um relato uma entrevistada conta que estava em encontro com outra mulher e sofreu um caso de assédio, um homem estava olhando para elas e se masturbando. Tal depoimento confirma a pesquisa de Vianna e Coppieters (2017). Além de evidenciar que os estigmas e fetiches que afligem as mulheres lésbicas e bissexuais, pois para o homem a mulher tem o papel do outro, sendo dominada por ele (BUTLER, 2021).

Atentando às relações de afeto dentro espaço 51% dos entrevistados evita demonstrar interações normais de afeto como: beijos e abraços, pelo medo de sofrer algum tipo de preconceito. Um depoimento deixa este medo explícito: - Nunca tive experiência de demonstrar afeto dentro do parque pelo simples motivo de ter medo de sofrer algum ataque LGBTfóbico. Pois não sabemos que será o agressor e menos ainda se alguém vai nos prestar ajuda ou apoio. O medo aumenta em espaços públicos pois é

um ambiente mais permissível, pois há diversidade de identidades que podem gerar encontros conflituosos, prejudicando assim aquele que é dissidente.

Nota-se que estas relações conflituosas segregam os dissidentes dos oásis urbanos, neste sentido a hegemonia domina os espaços de forma prejudicial e criando micro territórios, pois os dissidentes não frequentam espaços denominados culturalmente como heterossexuais, como: as quadras poliesportivas e as pistas de skate, ficam restritos aos ambientes contemplativos e ao espaço gastronômico por terem a sensação de maior segurança por haver encontro de identidades reais, contribuindo para a percepção de seguranças, mesmo ela sendo mínima.

A segregação ou territorialização dos ambientes dos oásis urbanos, não contribuem para o desenvolvimento social, pois nos encontros conflituoso, restrito a discussões pertinentes geram resultados positivos para a produção de uma cidade igualitária, com equidade para todas as manifestações de características reais.

Conclusão

O primeiro questionamento que urge da pesquisa é sobre a baixa participação da comunidade transgênero e travesti, o que levanta o pensamento que os estigmas sobre estas pessoas são grandes que as impedem de frequentar o ambiente ou que o medo de represarias as impedem de participar da pesquisa ou a pesquisa não alcançou este público por causa dos estigmas que eles sofrem dentro da própria comunidade.

Outro dado importante inquerido na pesquisa foi a relação entre revelar e esconder sua identidade real e sexualidade e gênero, dentro dos ambientes públicos o acrônimo LGBTQIA+ cria uma personalidade virtual ou social para se enquadrar nos padrões de gênero, criando uma constante vigia das suas características com medo de sofre pelo estigma do preconceito. Aos que não tem passibilidade (características de uma pessoa LGBTQIA+ que se aproximam dos padrões de gênero) o alvo do preconceito é criado, ele se torna o bode expiatório, sendo o culpado por algo que não é de sua escolha. Os ambientes dos oásis urbanos, se tornam o deserto árido para estas pessoas.

Este sistema de segregação nega o direito à cidade, além de ser prejudicial para o desenvolvimento social, pois os encontros de identidade produzem a cultura e as mudanças sendo assim com a falta destes encontros e a hegemonia de identidades em um único espaço, ampliam a perpetuação de uma cultura quebrada, onde coloca o falso como o ser e os dissidentes como o outro, o abjeto.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BORGES, Klecius. *Muito Além do Arco-Íris: Amor, sexo e relacionamentos na terapia homoafetiva*. São Paulo: Editora GLS, 2013.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

CAMPESTRINI, Júlia Brum; BILHERI, Estevan Bacco; SCHUSTER, Ana Paula; MELO, Evaniza F.R.Q; ROSSETO, Thais; NOVISKI, Andressa Viviane Dunke. *Percepção da ambiência em praças de Passo Fundo, RS*. In: VI Semana do Conhecimento: Universidade em transformação – integralizando saberes e experiências, 2019.

COSTA, Benhur. P. Por uma geografia do cotidiano sobre as tênues apropriações do espaço urbano: micro territorializações em parques e praças de Porto Alegre/RS. In: *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*. São Paulo, p. 3667- 3691, 2005.

DIÁRIO DA MANHÃ. Violência invisível: casos de bullying, perseguição e assédio moral no trabalho e agressões físicas nas ruas acontecem com mais frequência do que o denunciado, afirma coordenador de um movimento LGBT em Passo Fundo. Disponível em: <<<https://diariodamanha.com/noticias/violencia-invisivel/>>>. Acesso em 20 de maio de 2022.

FRIEDRICH, Daniela. *O parque linear como instrumento de planejamento e gestão das áreas de fundo de vale urbanas. Dissertação (Planejamento Urbano e Regional)*, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2007.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2002.

GOFFMAN, E. *Estigma*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.

LADEIRA, Leonardo. *Passeio Público: Rio de Janeiro*. Disponível em: << <http://www.passeiopublico.com/index.html>>>. Acessado em:10/06/2021.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LINCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 2002.

LOBODA, Carlos. R; ANGELIS, BRUNO. L. D. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. In: *Ambiência*, Gurapava, p. 125 – 139, 2005.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa*. São Paulo: Editora Atlas S.A, v.5, 2002.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *ONU prevê que cidades abriguem 70% da população mundial até 2050*. Acesso em 28 de set. de 2021. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/02/1660701>.

ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCOCUGLIA, Jovanka. B. C. O parc de la Tête d'Or: patrimônio, referência espacial e lugar de sociabilidade. In: *Vitruvius*. 2009. Disponível em: << <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/arquitextos/10,113/20>>>. Acesso em: 08/06/2021.

SILVA, Janaína. B; PASQUALETTO, Antônio. O caminho dos parques urbanos brasileiros: da origem ao século XXI. In: *Estudos*, Goiana, v.40, n.3, p. 287 – 298, 2013.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. *Informativo STF*. Disponível em: <<<https://www.stf.jus.br/arquivo/informativo/documento/informativo318.htm>>>. Acesso em: 19 de maio de 2022.

TEIXERINHA. *Gaúcho de Passo Fundo*. [s.d]. Disponível em: <<<https://www.ouvirmusica.com.br/teixeirinha-musicas/183721/>>>. Acesso em: 20 de maio de 2022.

VIANNA, Rodolfo; COPPIETERS, Luiza. *A cidade hostil ao afeto LGBT*. Direito à cidade: vivências e olhares de identidade de gênero e diversidade afetiva&sexual. p.54 – 57, 2017.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. trad. Daniel Grassi - 2.ed.
Porto Alegre: Bookman, 2001.